

**Sistema de produção em comunidades tradicionais na costa amazônica brasileira****The production system in traditional communities in the brazilian amazon coast**

DOI:10.34117/bjdv6n1-262

Recebimento dos originais: 30/11/2019

Aceitação para publicação: 24/01/2020

**Daniel Gomes de Sousa**

Graduado em Ciências Naturais  
Universidade Federal do Pará  
Bragança - Pará  
E-mail: daniel.gds1985@gmail.com

**Francisco Pereira de Oliveira**

Doutor em Biologia Ambiental  
Universidade Federal do Pará  
Irituia - Pará  
foliveirano@yahoo.com.br

**Raul da Silveira Santos**

Especialista em Educação e Interculturalidade na Amazônia  
Universidade Federal do Pará  
Belém - Pará  
E-mail: raulsantos.21@hotmail.com

**Geisa Bruna de Moura Ferreira**

Especialista em Educação e Interculturalidade na Amazônia  
Universidade Federal do Pará  
Irituia - Pará  
E-mail: geysa.19@hotmail.com

**Elder José dos Santos Silva**

Especialista em Gestão Escolar  
Universidade Estadual do Pará  
Bragança – Pará  
E-mail: Elder.santos@bol.com.br

**Giselle da Silva Silva**

Especialista em Educação de Jovens e Adultos  
Universidade Federal do Pará  
Bragança – Pará  
E-mail: giselle15102008@gmail.com

**RESUMO**

O estudo incide na Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua (RESEX-Mar), em que as populações residentes nesta RESEX-Mar possuem sistemas de produção baseados na pesca artesanal de peixes, crustáceos e na agricultura familiar. Objetivamente, pretendeu descrever o Sistema de Produção da

Agricultura Familiar de duas comunidades costeiras do município de Tracuateua, estado do Pará, Amazônia brasileira. Metodologicamente, a pesquisa se pautou na abordagem qualitativa, com o incremento da observação participante que propicia a compreensão da realidade local do objeto em estudo. Os resultados apontaram que a produção da farinha é uma prática constante entre os comunitários locais, onde o processo empregado desde o plantio, cultivo e manipulação ainda são artesanais e seguem os padrões de épocas passadas. Outra prática comum nas comunidades em questão é a colheita do tabaco, constituído pela monocultura e procedimentos caracterizados como tradicionais, inclusive com a prensa em formato de “mole de tabaco”. A terceira e não menos importante, é prática da piscicultura, praticada por todos os povos que compõem as referidas comunidades. Concluiu-se, portanto, que nas comunidades suas práticas produtivas estão alicerçadas em uma organização no âmbito socioeconômico e socioambiental a partir dos saberes apreendidos tradicionalmente.

**Palavras-Chave:** Prática Produtiva. Costa Amazônica. Reserva Extrativista. Tradição.

### **ABSTRACT**

The study focuses on the Tracuateua Marine Extractive Reserve (RESEX-Mar), where resident populations in this RESEX-Mar have production systems based on artisanal fishing of fish, crustaceans and family farming. Objectively, it aimed to describe the Family Farming Production System of two coastal communities in the municipality of Tracuateua, state of Pará, Brazilian Amazon. Methodologically, the research was based on the qualitative approach, with the increase of participant observation that provides the understanding of the local reality of the object under study. The results pointed out that flour production is a constant practice among local communities, where the process employed since planting, cultivation and manipulation is still artisanal and follows the patterns of past times. Another common practice in the communities concerned is tobacco harvesting, consisting of monoculture and procedures characterized as traditional, including the “soft tobacco” press. The third and not least is the practice of fish farming, practiced by all the peoples that make up these communities. It was concluded, therefore, that in the communities their productive practices are based on an organization in the socioeconomic and socioenvironmental scope from the traditionally learned knowledge.

**Keywords:** Productive practice. Amazon coast. Extractive reserve. Tradition.

## **1 INTRODUÇÃO**

Certamente, as comunidades tradicionais possuem sistemas de produção própria e alicerçada nos saberes apreendidos ao longo dos tempos repassados pelos mais experientes aos mais novos, em especial. Segundo Little (2002, p. 23), “o uso do conceito de povos tradicionais procura oferecer um mecanismo analítico capaz de juntar fatores como a existência de regimes de propriedade comum, o sentido de pertencimento a um lugar, a procura de autonomia cultural e práticas adaptativas sustentáveis”. Logo, percebe-se que o conceito de povos tradicionais está atrelado a fatores como sentimento de pertença, fatores culturais, além de práticas desenvolvidas ligadas ao ambiente em que estão inseridos na própria comunidade.

As comunidades tradicionais ao longo da história passaram por grandes transformações, mas que, segundo Brandão & Borges (2014), sempre tiveram um lugar social, marcado pelas relações familiares, territoriais, práticas de trabalho, sendo vivenciadas no coletivo, ou seja, as comunidades

tradicionais são produtos e elementos de seus territórios, assim como também é considerado um espaço de lutas, de resistência e da manutenção da vida.

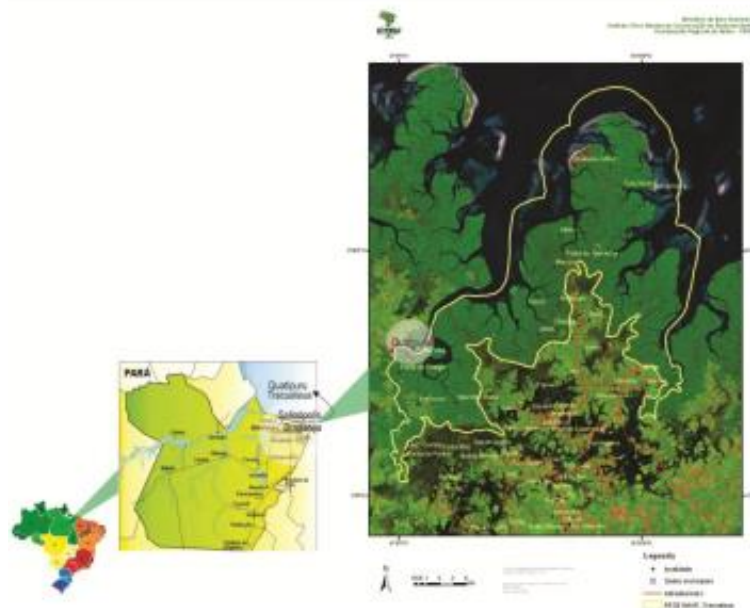
As comunidades tradicionais se constituem, num olhar de fora, como um mundo complexo, em especial, como bem ressalta Wedig (2017), nesses espaços há uma presença de seres humanos e não humanos, o que direciona as práticas de seu cotidiano, pois “esses povos desenvolveram e desenvolvem um conhecimento aprofundado e extenso das características ambientais e das possibilidades de manejo dos recursos naturais dos territórios que ocupam” (DIEGUES E ARRUDA, 1999, p. 26).

Ademais, Toledo (2001, p.1) destaca que “os povos e comunidades tradicionais vivem e tem direitos sobre territórios que em muitos casos contem níveis excepcionalmente altos de biodiversidade”. Por isso, nesses territórios encontram-se povos que lutaram e lutam pelo reconhecimento das leis, pois, buscam a garantia de seus direitos para a utilização dos recursos naturais sem que interfira em seus modos de conviver ambientalmente.

Dentre as conquistas alcançadas pelas comunidades tradicionais, está à criação de leis, dando-os direito de viver em suas terras a partir da conservação ambiental. Por conseguinte, uma das leis criadas está o Sistema de Unidades de Conservação de Uso Sustentável (SNUC) instituída pela Lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000, em que permite os povos das comunidades tradicionais permanecerem em seus territórios e fazerem usos dos recursos de forma sustentável.

Dentre o Sistema de Unidades de Conservação de Uso Sustentável, abriu-se o espaço para a institucionalização das Reservas Extrativistas Marinhas e nesse cenário há a criação da Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua (RESEX-Mar) (Figura 1), instituída pelo Decreto de 20 de maio de 2005, que é uma Unidade de conservação de uso sustentável das populações que residem nesta reserva e que possuem sistemas de produção baseados na pesca e na agricultura.

**Figura 1:** Mapa da localização da Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua



**Fonte:** Adaptado pelo Costa 2014, com base em informações de MMA/ICMbio/CR-04.

No território da RESEX-Mar de Tracuateua existem 55 (cinquenta e cinco) comunidades, sendo 01 (uma) dentro dos limites e as demais (cinquenta e quatro) no entorno. As comunidades da Chapada e do Sessenta, Município de Tracuateua, estão entre as que compõem o território do entorno da referida RESEX-Mar, onde a presente pesquisa ocorreu. Estas apresentam características de uma comunidade campesina costeira-estuarina, em que a principal constituição da fonte de renda é a agricultura familiar e à pesca artesanal de peixes, crustáceos e mariscos (BARROS, 2013).

Logo, o presente estudo, torna-se de suma importância para a sociedade, uma vez que são abordados elementos de vivência de comunidades tradicionais do nordeste paraense, costa amazônica brasileira, evidenciando, principalmente, os seus sistemas de cultivo em seus territórios, com uma organização peculiar na lida com o ambiente de forma manejada sustentavelmente.

Nesse interim, objetiva-se evidenciar o Sistema de Produção da Agricultura Familiar das comunidades da Chapada e do Sessenta, assim como apresentar as principais práticas produtivas alimentadas pelos saberes tradicionais empreendidos no sistema de produção no cotidiano dos agricultores e pescadores das referidas comunidades.

## 2 METODOLOGIA

O presente estudo ampara-se na pesquisa qualitativa como abordagem necessária para a presente discussão, onde, segundo Chizzotti (2013, p. 80), “[...] o pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais”. Complementarmente, Oliveira (2000) ao falar sobre metodologia em ciências sociais, afirma que é através do olhar, ouvir e do escrever que o conhecimento é construído nos mais diversos contextos sociais. Portanto, esses

elementos constituem-se essenciais para a reflexão no exercício da pesquisa e conseqüentemente à produção do conhecimento científico.

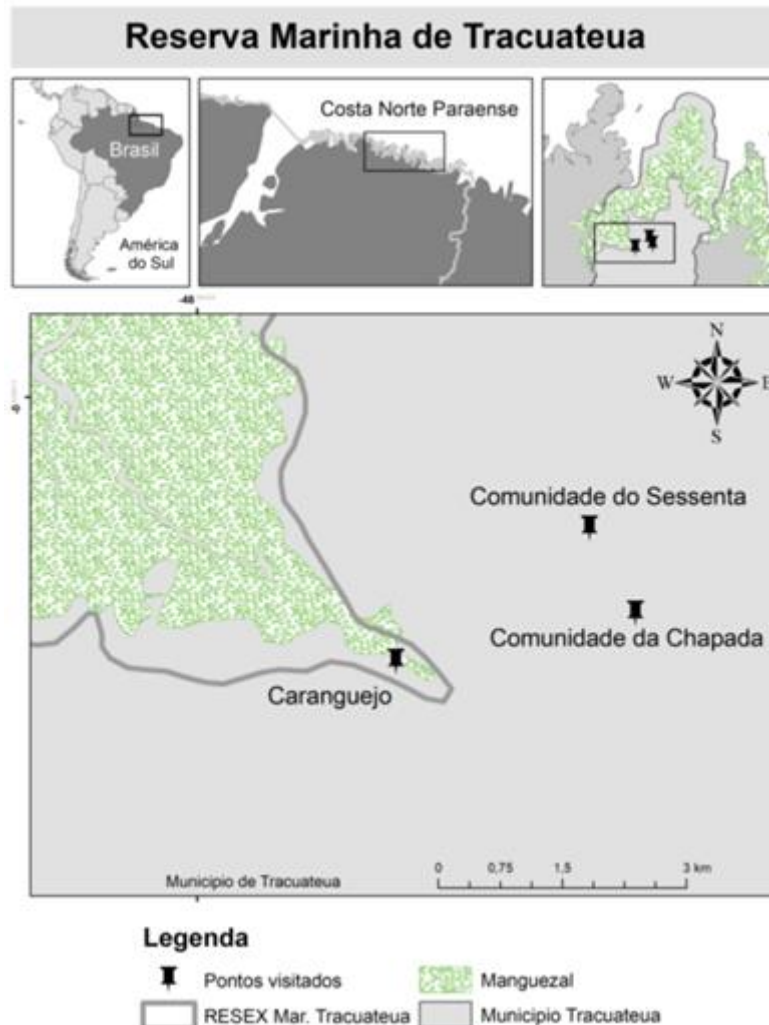
Técnica e instrumentalmente, valemo-nos da observação participante como mecanismo que propicia a compreensão da realidade local em estudo, o que, para Minayo (2010), nessa circunstância o pesquisador analisa uma determinada situação social e, posteriormente, percebe os seus sujeitos, já que o pesquisador passa a participar do meio cultural interagindo com os diversos sujeitos.

## 2.1 ÁREA DE ESTUDO

O presente estudo ocorreu em duas comunidades tradicionais localizadas no Município de Tracuateua, que tem uma população estimada em 27.455 habitantes (IBGE, 2010). A densidade demográfica é de 29,39hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2018). O referido município está localizado na região nordeste do estado do Pará e “limita-se ao norte com o Atlântico, ao sul com os municípios de Ourém e Santa Luzia do Pará, a leste com Bragança e, a oeste, com Quatipuru e Capanema” (COSTA, 2014, p. 37).

No referido Município, encontra-se a Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua de bioma Marinho Costeiro, composta de uma área total de aproximadamente 27.153,670ha, sendo 8.113,802ha de espelho d’água e os demais 19.039,868há são compostas de manguezais, restingas, praias, campos alagados e ilhas (SOUSA, *et al.*, 2016). A base da atividade extrativista é a “pesca artesanal (peixes, crustáceos e moluscos), que beneficia 55 (cinquenta e cinco) comunidades agroextrativistas, organizadas em 8 (oito) polos que congrega um universo aproximado de 2.100 (duas mil e cem) famílias, totalizando cerca de 8.800 (oito mil e oitocentas) pessoas” (COSTA, 2014, p. 35; GOMES & PERES, 2012, p. 3). A RESEX-Mar de Tracuateua tem como principal objetivo preservar o meio ambiente e, ao mesmo tempo, assegurar às condições e os meios necessários à reprodução social, assim como, aperfeiçoar as técnicas de manejo do ambiente. A pesquisa incidiu nas comunidades da Chapada e Sessenta, na qual ambas fazem parte da área de entorno da referida RESEX-Mar (Figura 2).

**Figura 2:** Mapa de localização dos pontos pesquisados nas comunidades da Chapada e Sessenta em uma área de uso sustentável do Nordeste Amazônico – Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua – PA (RESEX).



**Fonte:** ArcGis. Eyzaguirre Indira; A. L. 2019.

A comunidade da Chapada está localizada a 20 km da cidade de Tracuateua, com formação de área parecida a uma ilha, sendo que a fonte de renda das famílias é pesca artesanal (água doce e água salgada), o tabaco e a produção da farinha de mandioca (GOMES & PERES, 2012, p. 3). Na Comunidade do Sessenta se encontra a dinâmica de trabalho no ambiente marinho e de água doce, com técnicas de produção baseadas no extrativismo e na agricultura familiar. A mesma está ligada diretamente a vários ecossistemas: campos naturais, manguezais e florestas de terra firme. A atividade principal na Comunidade é o extrativismo do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) a fabricação da farinha.

## 2.2 COLETAS DE DADOS

Os dados foram coletados no período de abril de 2018 a maio de 2019 nas duas comunidades acima descritas, em especial, nos ambientes de campos naturais e manguezal, com a observação do sistema de produção familiar e o cotidiano dos pescadores de caranguejo-uçá.



Lançou-se mão da observação direta das práticas produtivas dos povos tradicionais das comunidades em questão, compreendendo um total de 10 (dez) pessoas visitadas e observadas nos seus cotidianos. Segundo Becker (1994, p. 118) a observação “[...] dá acesso a uma ampla gama de dados, inclusive os tipos de dados cuja existência o investigador pode não ter previsto no momento em que começou a estudar”. Os principais instrumentos utilizados foram os cadernos de campo e registros fotográficos.

### 2.3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados coletados passou por três momentos distintos, a saber: coleta dos dados, tabulação/interpretação dos dados e exploração dos dados. Os dados são de cunho qualitativo para análise, segundo Minayo (2012, p. 27) “[...] não é mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir de falas, símbolos e observações”. Ademais “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2012, p. 21).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 O SISTEMA DE PRODUÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR

“A terminologia definida para o sistema de produção foi ‘sistema família – estabelecimento agrícola’, na qual considera a família como centra de decisão” (SIMÕES & OLIVEIRA 2003, p. 153). O primeiro ponto de estudo foi realizado na comunidade da Chapada, com a observação da base econômica, por ex, na produção da agricultura familiar, que desenvolve em seu sistema o cultivo da mandioca para obtenção do produto farinha, o cultivo do tabaco para o fumo, a produção de mudas frutíferas (Açaí - *Euterpe oleracea*) e lenhosas (Marupá – família das Simaroubaceae), o cultivo de peixe através da piscicultura e a criação de bovinos para a adubação do solo. De acordo com Silva *et al.*, (2003, p. 67), “no mundo de hoje, os desafios demandam uma maior atenção à complexidade do conhecimento local na busca de modelos mais sustentáveis para a agricultura familiar, no espaço comunitário”.

O plantio da mandioca para a produção da farinha é a prática mais comum na agricultura familiar, principalmente na área estudada, que pode ser denominada como uma das principais fontes econômica do núcleo familiar. O processo ocorre da seguinte forma: primeiro a área de terra fica em descanso pelo menos um ano, depois os bovinos são agrupados para ficarem em um determinado período noturno no local, neste processo ocorre adubação do solo pelas fezes (esterco) e urinas dos animais. Essa prática corrobora com estudo de Silva *et al.* (2003, p. 175) quando ressalta que “a agricultura orgânica tradicional, pois os agricultores praticam o sistema de produção com uso contínuo de adubação com esterco bovino das áreas cultivadas”. No período de maio e junho inicia

na região a época do plantio agrícola, principalmente pela técnica do “corte da terra” é uma técnica que o terreno é transformado em lerão, na qual é praticada manualmente por homens que utiliza como ferramenta a enxada Figura 3.

**Figura 3:** Técnica do corte da terra (A) processo de camagem, (B) corte da terra e a (C) o lerão.



**Fonte:** Acervo dos autores (2019).

Em uma área de terra os trabalhadores levam em média um dia para fazer o corte, depois o proprietário faz a terraplanagem das leras e em seguida plantam as sementes de maniva (Família Euphorbiaceae), depois de um ano, inicia-se a colheita das batatas (mandiocas), considerando dentro deste espaço o manejo das limpezas que são feitas pelos agricultores para o desenvolvimento das manivas. Para o produtor, esta técnica realizada no cultivo da mandioca é fundamental para quantidade produzida de farinha, pois esta tem um aumento superior a outras técnicas observadas na região.

Nas propriedades a produção da farinha é uma prática bastante realizada, primeiro a mandioca é coletada da terra, depois segue para um tanque de alvenaria onde é submetida em água por três a quatro dias para ocorrer o amolecimento da massa e a retirada da casca, depois a massa é colocada em saca, dentro de uma caixa d’água e novamente submersa em água limpa durante um dia, este processo é conhecido como a retirada da acidez da mandioca.

Nesse caso, a massa vai para o moedor, um local onde fica a máquina, da qual tritura e forma uma massa muito consistente, assim a mesma retorna a caixa d’água e será novamente submersa em água que forma uma massa pastosa. Logo, esta é passada em um crivo que separa as estruturas que não são aproveitáveis na fabricação da farinha. A massa fica armazenada em uma caixa de madeira coberta por pano que faz a solidificação da massa.

No dia seguinte, na fabricação da farinha, a massa é distribuída em porções com a utilização de sacaria, que será submetida a uma prensa, que elimina a água totalmente ficando uma massa sólida. Depois de alguns minutos a massa passará pelo processo de peneiragem que faz uma crivagem, logo



esta é colocada no forno com altas temperaturas, e posteriormente, se transforma em farinha. Estes equipamentos são demonstrados na figura 4.

**Figura 4:** Processo para a produção da farinha, (A) o tanque de alvenarias com a mandioca e água, (B) a caixa d'água com massa da mandioca em saca, (C) a caixa de madeira que fica o moedor, (D) o crivo local de seleção da massa, (F) a prensa, (G) massa na maceira passando pelo moedor, (H) a peneiragem e a (I) o forno com farinha.



**Fonte:** Acervo dos autores (2019).

Com a fabricação da farinha, outros processos ocorrem e é chamado pelo produtor de selecionamento dos grãos. Este proporciona uma separação em farinha e farofa e, segundo o agricultor, este processo só ocorre quando o mercado exige. Para fabricação da farinha são utilizadas madeiras ou lenhas, esta matéria prima é extraída da natureza, observado pelo agricultor que este recurso está cada vez mais escasso e, por conseguinte, essa escassez leva ao agricultor para a necessidade de cultivo e plantio de árvores lenhosas que sirvam para o combustível de aquecimento do forno para a fabricação da farinha, esse processo dá-se, em alguns casos, em área de reserva legal da propriedade do agricultor. Foi observado que esta prática já vem se desenvolvendo pelo agricultor uma vez que na propriedade faz o cultivo de mudas nativas para reflorestar as áreas.

O cultivo do tabaco para obtenção do fumo é uma prática agrícola muito comum na região, esta cultura é chamada de produção temporária, consociada com a produção da mandioca. Primeiro ocorre o plantio das mudas de tabaco na área que foi preparada, geralmente ocorre no mês de junho, com o manejo realizado pelo produtor nos meses de agosto e setembro, em seguida é feita a colheita seguindo a ordem de amadurecimento das folhas, depois as folhas são presas em uma corda que ficam de dois a três dias para ocorrer à secagem. Nesta fase o tabaco não pode receber água, assim os agricultores fazem o armazenamento e com o tempo de um mês começam a fabricação.

Durante colheita do tabaco ocorre um processo que seleciona as folhas maiores e menores, desta forma as folhas são organizadas e processadas manualmente formando um rolo chamado de “mole de tabaco” depois será submetido a uma máquina, que faz o processo de prensa (enrolamento) com utilização da corda por dois momentos.

Em seguida, o rolo vai para a parte final e é anexada permanente a uma fibra de buriti na massa do tabaco, tecida a partir da extração da folha do vegetal buriti. Quando o agricultor produz oito unidades, isso corresponde a uma arroba, o que é equivalente a quinze quilos. Nesta fase, o tabaco está no ponto de comercialização, em uma colheita é estimada a produção média, por agricultor, entre seis a dez arrobas, onde a comercialização ocorre nos mercados locais e regionais (Figura 5).

**Figura 5:** Processo para o cultivo do tabaco, (A e B) as mudas de tabaco, (C) tabaco pronto para colheita, (D) as folhas presas em corda para secagem, (E) as folhas armazenadas e a (F) produção em mole coberto com fibra de buriti.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

A criação de bovinos em outras regiões possui fins comerciais e a pecuária necessita de uma grande área de terra para a criação, mas nesta região, não se caracteriza com esta finalidade. Segundo o morador, a quantidade de bovinos por núcleo familiar fica na média de vinte a trinta animais. No entanto, pode-se dizer que a criação tem como objetivo principal a produção de adubo orgânico no processo da adubação do solo, em que os agricultores beneficiam a terra e cultivam suas plantações (mandioca, feijão, tabaco, hortaliças, dentre outras) para o consumo próprio e para a venda dos excedentes, podendo assim, manter as suas relações sociais, econômicas e culturais em seus locais de origem.

Na criação de peixe, pode-se dizer que esta tem sua finalidade baseado na alimentação familiar, haja vista, que na pesca marinha está cada vez mais difícil por inúmeras situações que elevam o preço da média do pescado. Com isso, os agricultores escavam tanques para o fornecimento de água aos bovinos no período de estiagem, mas nesta conjuntura serve também para a criação de peixes nativos como Tambaqui (*Colossomu macropomum*) e outros peixes da região, podendo ser capturados quando o volume de água dos campos naturais diminui.

A Piscicultura é a prática de criação de peixe que é bastante comum na região, principalmente pelos fatos citados acima como também, para fonte de renda familiar, pois se encontra um mercado com muitas demandas e com isso, poderá ser uma tendência das unidades de agricultura familiar, agregando um aumento na geração de renda da economia familiar (Figura 6).

**Figura 6:** Piscicultura a criação de peixe local e tambaqui *Colossomu macropomum*



**Fonte:** Acervo dos Autores (2019).

Portanto, essa descrição das práticas desempenhadas em uma unidade da agricultura familiar é o que caracterizamos como um sistema de produção agrícola baseando-se na economia familiar, na qual aplica em ciclo produtivo como base norteadora a natureza, com isso os agricultores podem adaptar as técnicas de produção e o manejo das áreas cultivadas das suas propriedades.

### 3.2 O COTIDIANO DO PESCADOR DE CARANGUEJO

O segundo momento ocorreu na comunidade do Sessenta com o pescador de caranguejo o Senhor Pedro Araújo que relatou as suas atividades praticadas com seus familiares na região e em seguida fomos para o ambiente de ecossistema manguezal.

Neste local foi observado que a principal atividade da economia familiar na propriedade é o extrativismo da pesca do caranguejo e também outras práticas como o cultivo da mandioca para a produção da farinha, a produção do tabaco para o fumo, a criação de bovinos para a adubação do solo, a pesca de tapagem, a pesca do amoré no manguezal e a pesca em lagos de água doce (figura 7).



**Figura 7:** Alguns apetrechos de pesca existentes na propriedade. (A) o paneiro de pesca para capturar amoré no manguezal e a (B) é o socó utilizado na pesca de lagos de água doce.



**Fonte:** Acervo dos autores (2019).

Todas essas práticas é o que proporciona a economia familiar, sendo desenvolvidas durante um ciclo anual, algumas em todo período do ano e outras temporariamente. A pesca ou captura do caranguejo é uma atividade econômica praticada em todos os meses do ano, exceto em algumas semanas do período do defeso (reprodução do caranguejo) e também na mudança da carapaça ou exoesqueleto, o cultivo da mandioca e seus derivados ocorre ao ano todo, com grande produção da farinha nos meses de setembro a novembro, já o tabaco é um cultivo temporário dos meses de junho a setembro, sendo beneficiado e armazenado para posteriormente ser comercializado.

E por sua vez, a pesca de tapagem é praticada esporadicamente, assim como a pesca do amoré que ocorre somente quando está no período de defeso do caranguejo, e quanto à pesca do ambiente de água doce, esta ocorre principalmente entre os meses de agosto a dezembro tendo como apetrechos a rede de emalhar, a tarrafa e o socó.

O sujeito da pesquisa mencionou que na Comunidade Sessenta encontram-se vários pescadores de caranguejo com a dinâmica de trabalho no ambiente marinho e de água doce, possuindo técnicas baseadas no extrativismo e na agricultura. Que a atividade principal na Comunidade é o extrativismo do caranguejo, este recurso natural possui alta aceitabilidade no mercado consumidor, seja na ordem local, regional e nacional.

Com isso evidenciamos a seguir, neste tópico o cotidiano do pescador de caranguejo, através dos relatos do Senhor Pedro Araújo, que é um caranguejeiro e também agricultor na Comunidade supracitada.

O Senhor Pedro começa a discorrer sobre o dia a dia do caranguejeiro da região, o entrevistado afirma que sai da sua residência por volta das quatro horas da manhã com um simples café com farinha, leva consigo os equipamentos de pesca o gancho e o saco, os equipamentos de proteção

individual como a pernetta (OLIVEIRA, 2016), o chapéu, a camisa e produtos de mantimentos como água e farinha, que em algumas vezes são esquecidas e também uso de outros utensílios como cigarro de tabaco produzido na propriedade. O mesmo realiza um percurso de pés em aproximadamente 3 km, que perpassa por áreas com terra firme e inunda figura 8.

**Figura 8:** O percurso do caranguejeiro (A) percurso em terra firme, (B) percurso em área e inunda e a (C) o pescador na área do manguezal.



**Fonte:** Acervo dos autores (2019).

Quando chega à margem do manguezal é preciso adentrar mais ou menos um quilometro para encontrar as tocas ou galeria dos caranguejos, nesta prática leva em média quatro a cinco horas trabalhando assim, um pescador captura uma média aproximada de cinquenta a setenta caranguejos. No ambiente de manguezal o caranguejeiro usa como ferramenta de trabalho o gancho que é uma vara de madeira juntamente com outra vara de ferro pequena, sendo elaborado pelo próprio pescador e também serve como suporte para transportar o caranguejo do mangue até sua residência.

Quando o pescador encontra uma toca e coloca o gancho fixando paralelamente a toca em um determinado ponto o equipamento encontra o animal, logo, o pescador passa a vara de ferro por baixo do caranguejo fazendo com o mesmo siga em direção à superfície da toca, com esta técnica ocorre à captura do caranguejo figura 9.

**Figura 9:** Equipamentos utilizados para captura de caranguejo, (A) gancho e saca e (B) pernetta.



**Fonte:** Acervo dos autores (2019).

No momento da realização da captura dos caranguejos, os indivíduos são colocados em sacos, sendo uma prática de armazenamento que facilita o transporte no perímetro do manguezal, feito todo esse processo o pescador faz o retorno para sua propriedade, que é geralmente por volta das doze às treze horas da tarde, sendo que esta atividade é praticada pelo menos três vezes durante a semana.

E quanto ao próximo passo, que diz respeito ao processo de comercialização, no caso do presente estudo, foi relatado pelo proprietário que corre uma divisão de tarefas com a produção capturada, uma parte é destinada ao uso da alimentação familiar e a outra parte do excedente da produção é entregue a um membro da família que realiza as vendas nas comunidades circunvizinha e em alguns casos no próprio Município.

Portanto, observou-se na Comunidade Sessenta que os caranguejeiros possuem uma forma de organização, seja no âmbito da comercialização e quanto no manejo da espécie no manguezal. Este comunitário possui muitas possibilidades para comercialização do caranguejo, o mesmo vende a sua produção da forma *in natura*, principalmente para moradores das Comunidades próximas, com valor por unidade próximo aos revendedores dos centros urbanos o que proporciona um aumento na renda do pescador. Para (OLIVEIRA et al, 2016, p. 164) “contempla a valorização da pesca como atividade existente para fins de manutenção do modo de vida da civilização do mangue”.

No que refere ao manejo da espécie é relatado pelo caranguejeiro que são feitas reuniões com outros pescadores locais para medidas de proteção da pesca contra possíveis invasões, entre estas de caranguejeiros das cidades próximas, com o combate por meio das denúncias de pessoas que desmatam as árvores de mangue para a extração do mel, com respeito ao período do defeso, com a prática de não capturar as fêmeas e entre outras medidas desempenhadas para conservar esse recurso natural no seu ambiente.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse sistema de produção que é realizado pela agricultura familiar nas comunidades tradicionais é o que garante suas formas e modo de vida em seus territórios ocorrendo uma relação direta com a natureza, esta sociedade entende que o uso dos recursos oferecidos em suas áreas precisa do manejo, assim como o descanso e a recuperação do solo para melhorar o desenvolvimento de suas práticas produtivas, podendo aumentar sua renda econômica com o uso racional da terra.

Diante de todo esse contexto é importante observar que essas técnicas e práticas desenvolvidas pelas comunidades tradicionais foram adquiridas pelo conhecimento comum, na observação dos ambientes biótico / abiótico que são encontrados na natureza e transmitidos de geração para geração pelos seus ancestrais comuns, neste caso, as pessoas mais idosas das comunidades, o que é perceptivo



são as diversas práticas desenvolvidas, da qual proporciona um sistema agrícola ancorado na agricultura familiar.

Desse modo, os objetivos do trabalho foram alcançados na medida em que apresentam as práticas produtivas e o cotidiano do agricultor e pescador das comunidades da Chapada e do Sessenta, além de que foi possível suscitar elementos importantes sobre: Agricultura familiar; Economia sustentável e solidária; Técnicas e manejos tradicionais; Sistema de Produção familiar, entre outros.

O estudo revela que as técnicas e manejos na produção tradicional, sobretudo, no cultivo e produção do Tabaco, são uma forma de resistência, pois ao longo dos tempos resistem com a cultura dos seus saberes e fazeres, e usam novas táticas para poder continuar com cultivo e produção nas comunidades tradicionais.

### REFERÊNCIAS

BARROS, H. de. Comunidades Estuarinas da Costa Amazônica: Mangues para a Vida e para Viver. In: PROST, M. T; MENDES, A. C. **Ecosistemas Costeiros: Impactos e Gestão Ambiental**. 2. Ed. rev. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.

BRANDÃO, C. R; BORGES, M.C. O lugar da Vida Comunidade e Comunidade Tradicional: Campo- Território. **Revista de Geografia Agrária**. Edição especial do XXI ENGA-2012, p.1-23, junho, 2014.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Institui o Sistema Nacional de Unidade de Conservação – SNUC. Publicado no D.O. de 19.7.2000.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Contagem Populacional. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/braganca/panorama>> . Acesso em 20/02/2019.

BRASIL. Decreto de 20 de maio de 2005. Dispõe sobre a criação da Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua, no Município de Tracuateua no Estado do Pará, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 23 maio 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Dnn/Dnn10529.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Dnn/Dnn10529.htm)>. Acesso em: 25 maio. 2019.

BECKER, H, S. **Observação social e estudo de casos sociais: métodos de pesquisa em ciências sociais**. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1994.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e sociais**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

COSTA, J. N. **As novas regras do jogo para o acesso aos recursos naturais da Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua, no Pará**. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil. 2014.

DIEGUES, A. C; ARUDA, R. S. V; SILVA, V. C. F; FIGOLS, F. A. B; ANDRADE, D. **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do meio ambiente; São Paulo: USP, 1999.

GOMES, C, R da S; PERES, A, da C. **Tecendo diálogos e construindo gestão participativa em uma comunidade agropesqueira da reserva extrativista marinha Tracuateua, Tracuateua-Pa**. 5º Encontro da rede de estudos rurais: desenvolvimento, ruralidades e ambientalização: paradigmas e atores em conflitos 2012. Disponível em [www.redesrurais.org.br](http://www.redesrurais.org.br). Acesso em: 25 de abr. de 2019.

LITTLE, P, E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série antropologia**, Brasília, 2002, 32 f. Disponível em: <<http://nute.ufsc.br/bibliotecas/upload/paullittle.pdf> > Acesso em: 19 abril. 2019.

MANN, P, H. Métodos de investigação sociológica. 2.ed. Tradução: Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MINAYO, M. C.de S(org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2012.

OLIVEIRA, R, C. **O trabalho do antropólogo**. 2. Ed. São Paulo: Editora Unesp: Paralelo 15, 2000.

OLIVEIRA, F. P; MANESCHY, M. C. A; FERMANDES. M. E. B. O Caranguejo – uçá e a Civilização do Mangue. In: FERMANDES. M. E. B (orgs.). **Os Manguezais da Costa Norte Brasileira Vol. III**. Laboratório de ecologia de Manguezal. Bragança – PA, 2016.

SILVA, L. M. S; VEIGA, I; BRANDT, L; CONSTANTINOV, E. Uma agricultura Orgânica Tradicional: Estudo de Caso na Comunidade de Tamatateua, Amazônia Oriental. In: SIMÕES, A (org.). **Coleta Amazônica Iniciativas em Pesquisa, formação e apoio ao desenvolvimento Rural Sustentável na Amazônia**. Belém: Alves Ed.2003, p. 173-193.

SIMÕES, A; OLIVEIRA, M. C. C. O enfoque sistêmico na formação superior voltada para o desenvolvimento da agricultura familiar. In: SIMÕES, A (org.). **Coleta Amazônica Iniciativas em Pesquisa, formação e apoio ao desenvolvimento Rural Sustentável na Amazônia**. Belém: Alves Ed.2003, p. 147-172.

SOUSA, D. G; MENDES, N. C. B; PEREIRA, L. de. J. G; FERNANDES, S. C. P; BENTES, B. da. S. Estrutura populacional e reprodução do Anujá, *Trachelyopterus galeatus* (Linnaeus, 1766), em uma área de uso sustentável da Zona Costeira Amazônica. **Biota Amazônia** ISSN 2179-5746. DOI: <http://dx.doi.org/10.18561/2179-5746/biotaamazonia.v6n2px-x>. Macapá, 2016.

TOLEDO, V. M. **Povos / Comunidades Tradicionais e a Biodiversidade**. In: Levin, S. (eds.) Encyclopedia of Biodiversity. Academic Press. Tradução: Prof. Antonio Diegues. Instituto de Ecologia, UNAM, México. 2001.

WEDIG, J. C. Território e Questões Ambientais na Perspectiva de Povos e Comunidades Tradicionais. In: RAMOS, J. D.D; WIVES, D.G. **Natureza do Espaço e o Desenvolvimento** [Recurso eletrônico]. SEAD/UFRGS.- Dados eletrônicos.- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, p.115-138.